



A HISTÓRIA DAS CIDADES: QUESTÕES METODOLÓGICAS E DEBATES.

Diogo da Silva Roiz*

Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul – UEMS

diogosr@yahoo.com.br

O que é uma cidade? Qual sua função na sociedade? Como se organizam e como atuam dentro do espaço social? A cidade, além disso, pode se constituir enquanto um objeto de pesquisa no campo da História, da Sociologia e da Arquitetura?

Foi com base nesses questionamentos que José D'Assunção Barros, em seu livro **Cidade e História**¹, preocupou-se em estudar a cidade e a constituição do espaço urbano no tempo, como fenômenos passíveis de serem inquiridos pelo pesquisador e estudados enquanto objetos. Com isso, seu principal objetivo foi mapear as diversas discussões efetuadas pela historiografia ao longo do tempo, com vistas a apontar suas proximidades e diferenças, de modo a destacar os avanços que foram alcançados por esse campo de pesquisa, como ainda o de permitir que se visualizem as principais fontes compulsadas e as dificuldades mais comuns enfrentadas neste tipo de pesquisa.

Nesse sentido, pode-se, desde já, dizer que o autor alcançou com méritos o seu objetivo principal de elaborar uma obra acessível para o iniciante, quanto para o pesquisador, que indique os principais estudos e interpretações sobre a cidade (e as suas relações com o campo, o mercado, a política e a cultura). Para atingir esse objetivo o autor abordou um conjunto significativo de obras e autores, demonstrando seus méritos,

* Doutorando em História pela UFPR, bolsista CNPq. Mestre em História pelo programa de pós-graduação da UNESP, Campus de Franca. Professor da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Campus de Amambai, em afastamento integral para estudos.

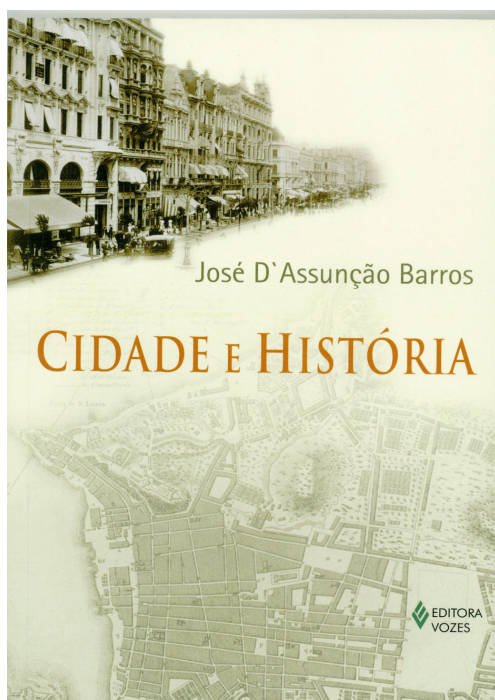
¹ BARROS, José D'Assunção. **Cidade e História**. Petrópolis: Vozes, 2007, 125 p.

questionamentos e limitações. E para delimitar adequadamente suas intenções dividiu a obra em três capítulos.

No primeiro, “A emergência da reflexão sobre a cidade”, mapeou quando e como houve o interesse de se estudar o fenômeno urbano, destacando os períodos, os autores e as obras. Para ele

um campo de estudos que começa a analisar a cidade como um espaço que corresponde a um viver próprio que é passível de ser estudado mais sistematicamente sob o ponto de vista das ciências sociais, aliás em formação, eis aqui uma contribuição mais específica que só poderia ser trazida pelo século XIX, simultaneamente contra o pano de fundo dos novos saberes especializados que então surgiam e da própria centralidade que um mundo urbano em vias de se superpovoar passava a ocupar nos destinos humanos com a emergência das sociedades industriais.²

Durante esse período, os principais autores a pensarem o fenômeno urbano, com uma análise institucional, foram: Karl Marx, Fustel de Coulanges, Gustave Glotz, entre outros.



Detalhar quais as principais abordagens sobre o fenômeno urbano foi a intenção do segundo capítulo, “As imagens da cidade na reflexão urbana”, no qual discute como historiadores, sociólogos e urbanistas pensaram a cidade. Começa por definir quais as principais metáforas fabricadas pelo cientista social, para refletir o fenômeno urbano, e quem foram seus idealizadores. Prossegue destacando que a cidade também foi pensada como artefato e produto da terra.

Para ele, o modelo de cidade como artefato abriu espaço para “o da cidade como artefato esteticamente construído”, quer dizer, “a cidade como obra de arte”, e “a metáfora aponta também para a possibilidade de examinar a cidade como obra de arte dos urbanistas”.³ Segundo ele, a cidade também

² BARROS, José D'Assunção. **Cidade e História**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007, p. 10-11.

³ Ibid., p. 27

foi pensada tendo por base modelos ecológicos e biológicos: “a cidade pode ser enquadrada como *ambiente ecológico*, uma vez concebida a ecologia como um estudo dos seres vivos em relação com o seu ambiente”.⁴ Para ele, a “metáfora da cidade como corpo presta-se” muitas vezes “a propósitos explicitamente funcionais”, e, nesse caso, foi interpretada por Saint-Simon, Augusto Comte, Émile Durkheim e, mesmo, por Karl Marx, ao longo do século XIX. Tal modelo biológico prosperou com a publicação da obra **A origem das espécies** de Charles Darwin em 1859.

Por outro lado, foi particularmente importante a contribuição da Escola de Chicago e da obra de G. Simmel para o desenvolvimento do modelo ecológico de pensar a cidade. Além disso, a cidade também foi entendida enquanto um sistema, e aqui aponta a aproximação com os outros modelos e autores, destacados antes. Por fim, segundo ele, a cidade foi pensada enquanto um texto, uma imagem que possibilitou a renovação dos estudos sobre o fenômeno urbano, em que teve por base as contribuições de Roland Barthes e Michel de Certeau, e “esta imagem ergue-se sobre a contribuição dos estudos semióticos”. Essa metáfora “aloja dentro de si diversos discursos de todas as ordens”, com os quais se vale o intérprete do fenômeno urbano para a elaboração de seu enredo.

Com base nessa discussão o autor intentou no último capítulo, “A perspectiva multifuncional da cidade”, demonstrar a complexa teia que liga e articula o fenômeno urbano. Para ele haveria alguns fatores fundamentais para o entendimento da cidade e da questão da urbanização no espaço e no tempo, a saber: a historicidade, a população, a economia, o político, a organização, a forma, a cultura, o imaginário e a função. A *historicidade* constituiria a necessidade de o estudioso intencionalmente inquirir o fenômeno urbano no tempo, já que “as formas urbanas são produtos da história” e

[...] o estudioso do fenômeno urbano não deve se furtar à necessidade de analisar a cidade em períodos específicos, sem contar com as diferenças sincrônicas dentro de um mesmo período que distinguirão um modelo ocidental de urbanização de modelos diversos produzidos por sistemas civilizacionais distintos.⁵

Qualquer cidade tem como a base de sua existência a convivência de indivíduos que dividem espaços em comum, no qual a *população*, que é um aglomerado

⁴ BARROS, José D’Assunção. **Cidade e História**. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 27.

⁵ Ibid., p. 52.

humano, não deixa de ser também um de seus fatores fundamentais ao ser estudado, por que toda “cidade parece impactar os seus contemporâneos como um aglomerado humano considerável”. No interior do espaço urbano, no qual os indivíduos se relacionam, forma-se a base de um tipo específico de convivência intermediada por meio da “produção, distribuição e consumo” de mercadorias, subsidiadas pelas “atividades industriais, atividades comerciais, e relações de consumo”, local onde se observa o fator *econômico*. A *política*, nesse sentido, além de ser um fator articulador das formas de convivência em sociedade, também interage junto à própria dinâmica do mercado e do consumo, por que por “várias razões a dimensão política emerge como um dos principais definidores da cidade”, pois, ela “é a principal sede das lutas sociais”.

Por outro lado, o fenômeno urbano também tem despertado o interesse dos estudiosos no século XX “com a sua *dimensão morfológica*”, porque a cidade teria necessariamente uma forma, uma estrutura física a ser analisada. Além disso, qualquer cidade mantém uma relação direta com a produção da *cultura*, e de modo mais direto com a idéia de civilização. E, nesse sentido, toda cidade cria um *imaginário* social, na medida em que é representação e construidora de representações sobre si. Para o autor, não

importa o sistema mais amplo que se considere, o tratamento da cidade como parte de algo maior conduz quase que inevitavelmente à noção de *função*”, outro fator fundamental para o entendimento do fenômeno urbano. E, evidentemente, estabelecer “uma ‘função predominante’ não significa obviamente desconsiderar que a cidade, agora considerada como um sistema em si mesmo, necessariamente reparte funções diversas no seu próprio interior.”⁶

Com base no que foi apontado acima, é possível observar como o autor demonstrou “que a sociologia, a historiografia e o urbanismo contemporâneos têm coberto uma enorme gama de aspectos relacionados à cidade e à vida urbana”.⁷ “que a cidade implica também certo *padrão de convivência*” e tal padrão tem “como seu traço mais sobressalente a falta de conhecimento recíproco entre seus habitantes”⁸, e ainda “que a cidade possui uma tonalidade política muito peculiar – em parte porque cada cidade possui a seu modo uma relativa *autonomia política* [...] e em parte porque toda cidade abre-se como foco privilegiado para uma *concentração de poderes* de vários

⁶ BARROS, José D’Assunção. *Cidade e História*. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 105.

⁷ Ibid., p. 107.

⁸ Ibid., p. 109.

tipos”⁹. Nesse sentido, o fenômeno urbano deve necessariamente ser pensado a partir de “um ‘esquema complexo’ dos traços específicos que, reunidos, poderiam caracterizar a cidade como forma de organização específica”.¹⁰ De acordo com a proposta elaborada pelo autor “um outro passo nos estudos urbanos seria o de examinar a cidade nos seus diversos momentos históricos”, o que evidenciaria suas características, semelhanças e diferenças no tempo e no espaço.

Portanto, independente de pequenos erros tipográficos da edição (como a falha de datação do falecimento de Marx em 1873, e não em 1883 que seria o correto, na página 13), e que em nada diminuem os méritos do texto, fica evidente a contribuição da obra para os iniciantes de cursos de graduação e pós-graduação em História, Ciências Sociais e Urbanismo, principalmente no contexto histórico vivido no país, no qual há uma grande ampliação dos cursos de graduação e pós-graduação (mestrados e doutorados) nestas áreas do conhecimento, e há uma rápida e consistente formação de grupos de pesquisa, em áreas como os Estudos urbanos e a História das cidades. A obra contribui ainda para que o leitor possa circunstanciar os principais debates sobre a cidade, ao indicar: a) como foi pensada como objeto de pesquisa e as principais interpretações sobre o fenômeno urbano; b) o levantamento das principais características que compõem a(s) cidade(s), e diferenciando-as no espaço e no tempo; c) e indicando as principais fontes, problemas e hipóteses que são levantadas ao se estudar o fenômeno urbano.

⁹ BARROS, José D’Assunção. **Cidade e História**. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 110.

¹⁰ Ibid., p. 111.